

18° CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA  
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT 5: as cidades no século XXI

Leblon: o território encantado

Marusa Bocafoli da Silva – Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy  
Ribeiro – UENF

Rodrigo Anido Lira – Universidade Candido Mendes

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende empreender uma análise sob a maneira como espaços da cidade se constroem e se configuram como territórios de e para alguns cidadãos, aqueles que são compreendidos como detentores de cidadania plena, nos dizeres de Freire (FREYRE, 2015). Assim como, as relações que se engendram nesses espaços demarcam de maneira sutil e ao mesmo tempo explícita quem são aqueles que podem usufruir desses territórios e dos serviços ali ofertados.

Para dar cabo ao objetivo proposto foi escolhido o bairro do Leblon, na zona sul do Rio de Janeiro como estudo de caso. A escolha desse território se justifica por ser esse bairro conhecido como local de moradia da classe média alta da cidade do Rio de Janeiro, além de ser considerado o metro quadrado mais caro do Brasil<sup>1</sup>, se tornando para seus moradores uma marca de distinção no sentido pensado por Bourdieu (BOURDIEU, 2015)<sup>2</sup>.

O bairro do Leblon está localizado, geograficamente, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e fica entre a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Oceano Atlântico, o Morro Dois Irmãos e o Canal do Jardim de Alá. O bairro faz divisa com a Gávea, a Lagoa, Ipanema e Vidigal. Algumas de suas ruas mais tradicionais são: a Avenida Delfim Moreira, Avenida Ataulfo de Paiva, Rua Rainha Guilhermina, Avenida Bartolomeu Mitre e Avenida Afrânio de Mello Franco. O bairro conta ainda com duas estações de metrô, a estação Antero de Quental e Estação Jardim de Alá. Abaixo o mapa do bairro permite melhor visualização da sua localização.

---

<sup>1</sup> Revista Exame, matéria divulgada em 17/01/2016. Disponível em: <http://www.exame.com.br> – Acessado em 05/12/2016.

<sup>2</sup> Modelo de compreensão mecanismos sociais e culturais.



Fonte: google maps

Paisagem e estilo de vida valorizam o metro quadrado desse território que também é conhecido por abrigar residência de indivíduos pertencentes a elite cultural e intelectual do Brasil. Esse fato já nos dá ideia de como essa parte da cidade se configura como distinta do todo, bem como se dá com os indivíduos que ali residem. O fato de ser o território mais valorizado do Brasil se completa com o propalado “charme” desse lugar. Charme esse divulgado pela mídia, seja nas novelas globais que exploram o bairro, a praia e seus moradores ou na narrativa das pessoas que vivem ali. Marcela<sup>3</sup>, moradora do bairro, confirma a fama do local: “o bairro é familiar, tranquilo, tem de tudo e é muito bonito! As pessoas são diferentes aqui, se vestem diferente, tem uma leveza”. Assim como Rita que nos fala sobre a comodidade de viver em um bairro que possui todos os serviços que ela necessita: “deixo o carro na garagem de 20 a 25 dias por mês”.

De acordo com o vice-presidente<sup>4</sup> do sindicato de habitação da cidade do Rio de Janeiro, em entrevista em janeiro de 2016 sobre a valorização dos imóveis no Leblon, as pessoas que procuram o bairro, procuram como um estilo

<sup>3</sup> A identidade dos entrevistados foi preservada. Os nomes que aparecem nesse trabalho são fictícios.

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao portal R7 em 07/01/2016. Disponível em: <http://www.noticias.r7.com>. Acessado em 07/12/2016.

de vida. São indivíduos que tem um perfil diferenciado porque não se importam em pagar mais caro para viver ali.



Fonte: foto – metrório. Disponível em: [www.metrório.com.br](http://www.metrório.com.br)

A paisagem do bairro, arborizado e de vias sempre limpas, de padarias e cafés finos e pessoas que parecem não ter pressa e nem compromisso com horários contrasta-se com uma outra paisagem sobreposta, a de inúmeros indivíduos, na maioria mulheres e negras, vestidas de branco empurrando carrinhos de bebês e/ou levando pelas mãos ou no colo as crianças. Uma observação atenta à circulação desse espaço demonstra dois tipos de cidadãos que se movimentam nesse território. O primeiro, o morador do bairro que imprime um ritmo muito particular ao seu tráfego naquele território. O segundo, aqueles que ali trabalham, sejam as babás, as empregadas domésticas ou os porteiros, que trafegam por suas ruas com certa pressa e atenção que permite-nos aprender que sua relação com o território não é de gozo.

A história do bairro remonta ao ano de 1919 onde foi definida a configuração atual de boa parte de suas ruas. Antes disso, conta-se que aquele território era uma aldeia povoada por tamoios que foram extintos pelo bacharel Antonio de Salema (LIMA, 1999). O que era um campo arenoso povoado por algumas chácaras, dentre elas de um francês conhecido como Charles Leblon, que era dono de uma empresa de pesca de baleias e deu nome ao bairro, se tornou posteriormente local de moradia de indivíduos de famílias reconhecidas

por seu capital econômico e cultural. Pelo que se pode apurar as primeiras e mais conhecidas famílias que se instalaram no bairro foram, a saber: Cordeiro de Melo, Padilha, Formenti (do cantor e pintor Gastão Formenti) e Araújo que possui dentre os membros mais conhecidos João Araújo (empresário da indústria fonográfica) e seu filho o cantor e compositor Cazuzá.

É dessa forma, trançando os caminhos e as relações que se apresentam no cotidiano desse bairro, que se pretende aqui analisar a constituição de territórios na modernidade e a maneira como eles distinguem e segregam indivíduos.

### **A Cidade, Seus Territórios e a Sociabilidade**

A cidade é por excelência o lugar da intervenção humana. É o espaço onde a ação do homem se sobrepõem à natureza e nesse ínterim, a cidade moderna se tornou a promessa da liberdade. Esse é o espaço de fruição de recursos e de estética. E mais, é o lugar da experiência da interação.

Por ser a cidade e seus territórios, na modernidade, a promessa de liberdade e da materialização do indivíduo enquanto sujeito social, cabe perguntarmos: a quem pertence a cidade? Quem a consome? Para quem é a cidade? Vive-se ou Consume-se a cidade? Nesse sentido, a “constituição de territórios distintos” promove pertencimento e consumo para alguns grupos sociais em detrimento de outros.

Em seu ensaio sobre “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito”, Simmel (2005) nos informa que a vida nas grandes cidades da modernidade possui um caráter intelectualista se comparado com a vida nas pequenas cidades. As cidades centrais, que gozam de uma importância cultural e/ou econômica, têm sua vida baseada na racionalidade das relações. Os inúmeros estímulos que essa vida moderna promove são responsáveis por uma intensificação da vida nervosa nos dizeres do autor. Desse modo, os indivíduos estabelecem estratégias de proteção a esse excesso de estímulos mentais o que Simmel define por caráter blasé, presente nos moradores das grandes metrópoles e que

se configura num distanciamento, ou reserva, nas relações que esses travam na sociedade.

Esse distanciamento em relação as pessoas e coisas também chamou atenção de Engels (1972) quando escreveu sobre a situação da classe trabalhadora da Inglaterra entre 1844 e 1845. Nos dizeres do autor:

Centenas de milhares de pessoas de todas as classes e estamentos (...) passam umas pelas outras como se não tivessem nada em comum e sem que ninguém considere os outros dignos de um olhar sequer; prevalecem a indiferença brutal, o egoísmo torpe, o isolamento insensível de cada um nos seus interesses privado; a humanidade se dissolve em mônadas ou átomos. (ENGELS, 1972, p. 257)

Uma caminhada pelo calçadão da praia do Leblon, numa tarde despresticiosa pode servir de ilustração sobre o que está exposto acima. Pessoas indo e vindo vestidas com roupas de ginástica, se exercitando ao mesmo tempo em que utilizavam fones de ouvido, se misturam a outras que ali estão a trabalho, equilibrando-se entre sacolas com baldinhos e boias de bichinhos, além dos carrinhos de bebês, bicicletas e as crianças, umas ainda muito pequenas sendo carregadas no colo enquanto outras caminham ou correm sempre sob o olhar atento de suas cuidadoras. A cena pintada mostra a proximidade física entre esses indivíduos ao mesmo tempo em que se imprime uma distância espiritual que os separam.

Kapp (2011, p. 7) em artigo que analisa o ensaio de Simmel sobre as grandes cidades e a vida do espírito, apresenta como problemática mais profunda da modernidade o fato dela abrir novas possibilidades para o desenvolvimento singular do indivíduo ao mesmo tempo que dificulta sua percepção, já que todos assumem a mesma reserva ou a atitude blasé o que não possibilita o reconhecimento do valor da individualidade.

Entretanto, o indivíduo possui duas possibilidades. Aqueles que têm capital econômico e/ou cultural<sup>5</sup> podem organizar suas ações para o longo alcance, organizando sua vida privada como melhor lhe convir. Pode se

---

<sup>5</sup> Capital aqui no sentido de Bourdieu entendido como recursos reais ou potenciais que estão ligados a uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas.

comparar a seus pares e a especialização, que nessa leitura decorre da divisão do trabalho, promove sociabilidade em grupos específicos onde há possibilidade de reconhecimento da individualidade. Em contrapartida, se os indivíduos não dispõem de capital econômico ou cultural, suas possibilidades de ação são mais restritas, encontra alcance no espaço privado.

O distanciamento mental em relação ao espaço, seja ele social ou público, está posto tanto para o cidadão melhor posicionado, que possui os capitais necessários para estabelecer proximidade mental com quem está distante como com os operários e empregados, que tem seu alcance nesse caso medido pelo consumo.

Desse modo, cabe aqui nesse momento, atentarmos para o sentido da produção do espaço como bem coloca Lefebvre (2013, p. 124) considerando a produção do espaço como resultado de um processo articulado e marcado por aspectos econômicos, políticos e sociais. Com isso infere-se que o espaço é político e instrumental, constituindo-se em “lugar e meio onde se desenvolvem estratégias, onde elas se enfrentam” (LEFEBVRE, 2008, p. 172).

A produção do espaço envolve também o discurso sobre um determinado lugar e é nesse ponto peculiar que se deve perguntar se o discurso produzido pode reduzir as possibilidades de convivência. Em alguns territórios, como no caso do bairro do Leblon, o discurso sobre o mesmo colaborou para a constituição de um território diferenciado que é “consumido” por indivíduos que possuem condições sociais privilegiadas. Se como nos diz Kapp (2011) aqueles que não possuem as condições privilegiadas estabelecem interações com o espaço através do consumo, no caso do Leblon, essa possibilidade é quase nula. Samantha que trabalha como babá há 4 anos para uma família do Leblon nos conta uma das muitas experiências de interação vivenciadas por ela nesse território:

Uma vez tava vindo do inglês com o Bernardo<sup>6</sup> e passei em frente a uma loja de roupa que tava com uma placa bem grande escrito promoção. Como tava com pressa porque tinha que arrumar ele pra escola, não parei. Depois que deixei ele na escola eu fui ver né a promoção. Porque aqui as lojas são caras mais como tava promoção podia achar alguma coisa. Nunca me

---

<sup>6</sup> O nome da criança também foi trocado para resguardar a identidade.

senti tão humilhada, quando entrei na loja nem olharam pra mim. Fiquei ali um tempinho ninguém veio me atender, perguntar o que eu queria. Acho que é porque tava de uniforme né, logo já olham como babá e não tem dinheiro pra comprar. Saí muito triste de lá.

A experiência relatada por Samantha dá ideia de como os territórios podem, em alguns casos, se constituir para alguns indivíduos. A percepção da entrevistada é a de que foi identificada, pelo uniforme branco como alguém que não teria o “direito” de consumir (no sentido de experienciar) aquele espaço. Como se ela estivesse deslocada, uma vez que aquele estabelecimento comercial, no referido bairro, constituiu-se como “espaço” visitado por indivíduos “diferenciados”. Entretanto, cabe assinalar que mesmo um lugar produzido de maneira distinta como é o caso do Leblon, não coaduna em sua paisagem um cenário homogêneo. Os encontros estão claros, perceptíveis e presentes. No espaço e na sua ordenação há lugar para pontos de intersecção, no entanto eles se limitam às relações de trabalho.

São as relações de trabalho que permitem pintarmos nessa tela o encontro e aproximação daqueles indivíduos donos de capitais e de trabalhadores. Essas relações colocam esses sujeitos no mesmo espaço, seja dentro dos apartamentos, nos clubes, na praia ou nos restaurantes, mas ao mesmo tempo estabelece um limite na experiência desses territórios.

Fica posto que não existe neutralidade na maneira como se constrói o espaço. Ele é político e ideológico e por isso, é o cenário de inúmeras estratégias de diversos agentes que entram em conflito.

O espaço não é um *objeto científico* descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse espaço tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto ‘puramente’ formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já é objeto de estratégias antigas, das quais nem sempre se encontram vestígios. O espaço foi formado, modelado a partir de elementos históricos ou naturais, mas politicamente. O espaço é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia. Existe uma ideologia do espaço. Por quê? Porque esse espaço, que parece homogêneo, que parece dado de uma vez na sua objetividade, na sua forma pura, tal como o constatamos, é um produto social (...). (LEFEBVRE, 2008, p. 61-62. Grifos do autor).



O espaço como produto social, para o autor, não pode ser mais concebido como “passivo, vazio, ou como de fato não tendo outro sentido, tal como os “produtos”, senão o de ser trocado, de ser consumido, de desaparecer”. (LEFEBVRE, 2013, p. 3). E desta feita, a produção desse espaço viabiliza ou inviabiliza as possibilidades de convivência e vivência.

Assim como nos ensina Bourdieu (BOURDIEU, 1999) os agentes sociais são entendidos como tais em e com a sua relação com o espaço social, assim como pelas coisas que se apropriam e é isso que o caracteriza pela sua posição em relação ao outro. Dessa forma o “espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem (...)” (BOURDIEU, 1999, p.160).

Seguindo esse raciocínio o espaço social se define a partir das relações que os indivíduos estabelecem com ele e com os seus usos. Nessa constituição do espaço estabelecem-se distinções a fim de hierarquizar o território. Pois, ainda segundo Bourdieu

Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima hierarquias e as distancias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada (...) É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (...) (BOURDIEU, 1999, p.160)

A percepção sobre o uso do espaço, aqui de acordo com o objetivo do trabalho o bairro do Leblon, sinaliza um ordenamento complexo do lugar ocupado por cada um dos indivíduos que estabelecem em medida maior ou menor, relações nesse território. A ideia de todos juntos compartilhando o mesmo espaço não estabelece um uso democrático dele, ao contrário, fica claro que se trata de um uso hierarquizado desse espaço. Basta direcionar o olhar para o tipo de indivíduo que está presente nos restaurantes, nos cafés e na praia. Há aqueles que gozam e desfrutam o lugar e os que se ocupam dele numa relação de trabalho.

Ser morador do Leblon tornou-se um estilo de vida e a opção daqueles indivíduos que possuem condições econômicas para viver ali, haja vista o fato

de bairro ser considerado de alto custo. Tudo isso corrobora a constituição do processo de distinção do território que se completa com a exclusão de seu uso por outros indivíduos.

A título de curiosidade, um site que tem por objetivo dar dicas de passeios turísticos na cidade do Rio de Janeiro, elenca entre suas sugestões o bairro do Leblon como destino turístico o conceituando como, a saber:

Bairro de classe alta, de beleza sem igual, excelentes restaurantes, praia linda e propícia para prática de esportes como surf, além de contar com o baixo bebê, pedaço da praia que possui infraestrutura para receber os pequenos, entretanto caro.<sup>7</sup>

É assim, de acordo com Bourdieu (BOURDIEU, 1999, p.161) que o espaço social realizado ou objetivado apresenta uma distribuição no espaço físico de diferentes formas de bens ou de serviços, como também de sujeitos ou grupos sociais dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços. Em outras palavras, o acesso aos bens e serviços, bem como a distância física desses bens e serviços, dependem do capital. Pois, “É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado” (BOURDIEU, 1999, p.161). Dessa forma, estabelece-se assim à distância aqueles que não possuem capital, seja fisicamente ou simbolicamente, dos bens e serviços mais “raros.”

Assim, o espaço que oportuniza o acesso à bens e serviços de indivíduos que possuem capital cultural e/ou econômico, também imprime um entendimento distinto de cidadania, sendo responsável por materializar uma espécie de cidadania de primeira classe. É isso que mostra Freire (FREIRE, 2011) quando analisa o fato de camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, acionarem o estatuto de contribuinte para estabelecer uma gradação da cidadania.

O fato de residir em um território valorizado socialmente está relacionando, entre outras coisas, ao pagamento de altas taxas de impostos, como é o caso do IPTU<sup>8</sup>, em certa medida o estatuto de contribuinte servirá de

---

<sup>7</sup> Matéria disponível em: <http://www.metrorio.com.br>. Acessado em 12/12/2016.

<sup>8</sup> Imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana.

argumento para construção de um discurso de cidadania, cobrando e exigindo das autoridades responsáveis, que serviços como por exemplo, segurança pública, sejam eficazes nesse território.

O problema desse discurso é que quando esses indivíduos falam sobre cidadania ou em nome dela, fica exposto um entendimento muito peculiar sobre o que é ser cidadão. Quase sempre, o discurso não é evocado no sentido universal, pelo contrário, ele é evocado em nome de cidadãos que pagam caro para viver nesses territórios.

Freire (FREIRE, 2001, p. 343) nos traz o exemplo de dona Maria Luiza, moradora há 30 anos do bairro de Ipanema e que manifestou sua indignação com a presença de embarcações de grande e médio porte no litoral de Copacabana e Ipanema, indignação essa que foi matéria do jornal O Globo<sup>9</sup>. Segundo a moradora:

Acho um absurdo. Já pagamos IPTU caríssimo para ter algum conforto e ainda precisamos aguentar essa afronta à paisagem e ao meio ambiente. Também tenho medo de que estes navios poluam as águas das praias, como já ocorre com os emissários submarinos.

Corroborando essa percepção, Dona Cibele, moradora do Leblon, faz um desabafo sobre o que ela nomeou de “ineficácia do Estado” para combater os crimes que estão se tornando cotidiano na zona sul do Rio de Janeiro. À época da entrevista, havia acontecido recentemente um assalto seguido de morte a um médico que pedalava na Lagoa Rodrigo de Freitas, preocupada com episódios como esses, dona Cibele nos diz:

Veja bem, é um absurdo isso que aconteceu com o médico, é um absurdo isso está acontecendo por aqui, na zona sul, pagamos um imposto altíssimo e não temos segurança. Se morássemos na baixada ou numa comunidade poderia até dizer que a violência urbana é grande porque esses territórios têm muita violência. Agora, aqui isso não é admissível. Pagamos justamente para não viver isso.

---

<sup>9</sup> O Globo, 15 de junho, 2012, p. 11-12.

No relato de dona Cibele, fica claro que o problema da segurança não é mobilizado por ela como um problema de todos. Ao contrário, o que a incomoda é o fato de morar num território distinto, pagar alto para viver ali, esperando que houvesse maior segurança. Compreendendo que o fato de pagar altos impostos deveria garantir maior conforto e segurança. Tornando o território um bom lugar para se morar. Nesse sentido, como nos mostra Freire (FREIRE, 2011, p. 354), para ser considerado bom para se viver, o lugar precisa se opor aos territórios “da pobreza da cidade, que ameaçam constantemente a ordem e a tranquilidade.” É por isso que os casos de assalto nesses territórios são imediatamente condenados por seus moradores, bem como o fato da possível agressão ao meio ambiente causada pelos barcos no litoral da zona sul. Essas moradoras utilizam o status de adimplentes para se fazerem ouvir no espaço público e mobilizar a retomada da tranquilidade e da ordem que devem prevalecer nesses territórios.

## Conclusão

O debate acerca da questão a “cidade que queremos”, vem ocupando espaço na academia, nas agendas políticas e também na mídia. Pensar os territórios e sua constituição, bem como sua circulação como democrática faz parte dos esforços de vários intelectuais. Toda a atenção dispensada a essa problemática está relacionada a ideia de que é a partir do uso do espaço, entre outras coisas, que se constrói a cidadania.

Assim, quando os territórios são constituídos como hierarquizados também passam a ser as relações se dão nele. Como é o caso analisado nesse artigo. O bairro do Leblon na zona sul do Rio de Janeiro é objetivado como um “lugar distinto”. Os inúmeros discursos sobre o bairro dão conta dessa distinção. Esse território passa a ser lugar de e para aqueles que possuem algum tipo de capital, ou mais de um tipo de capital, no sentido bourdiesiano.

Entretanto, mesmo sendo um espaço diferenciado ele proporciona a intersecção entre extratos distintos da sociedade. Esse encontro se dá através das relações de trabalho, seja dentro dos apartamentos, na praia e no calçadão, no shopping ou no restaurante. Pintando assim uma tela curiosa e ao mesmo tempo violenta, onde pessoas se aproximam fisicamente, dividem o mesmo espaço, mas estabelecem, mesmo que suavemente e implicitamente, uma distância espiritual que é delineada nos usos que se faz desse lugar.

Apesar de dividirem o mesmo espaço em um bom restaurante no Leblon, a mesma mesa, a patroa e a babá não fazem o mesmo uso do lugar. O limite é demarcado de várias maneiras, seja no fato da babá usar o uniforme, seja na diferença no valor dos pedidos feitos por uma e por outra. Enfim, esse espaço define a distância entre os indivíduos. Além de, em muitos casos, ser responsável por imprimir uma identidade social nesse indivíduo, como acontece como o morador do Leblon, e numa outra ponta, um morador de favela. Enquanto o primeiro é reconhecido como distinto e importante por viver em um bairro diferenciado e que proporciona acesso a serviços valorizados, ou outro tem sua identidade marcada pela marginalização e violência.

Por fim, o pertencimento a um território valorizado se materializa em discurso acerca da cidadania. Assim, quando “escapam” a harmonia e a ordem

desses lugares, seus moradores acionam o status de contribuinte para exigir que o Estado, por exemplo, dê conta de problemas como o aumento da falta de segurança nesses bairros e a conservação ambiental e/ou visual. A gramática da cidadania aqui, não ganha um tom universal, ao contrário está relacionada diretamente ao fato de se escolher um lugar caro para viver e pagar por isso, desejando assim conforto e segurança. Dessa forma, enquanto algumas pessoas se hierarquizam por viverem nesses territórios, outros se tornam vulneráveis e desqualificados. Uma vez que não pertencem a esses lugares, é vedado o seu uso (no sentido de experienciar) contribuindo assim para que se estabeleça, como nos diz Freire, uma gradação da cidadania na cidade do Rio de Janeiro.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do Lugar. In.: BOURDIEU, Pierre (org.). A Miséria do Mundo, Petrópolis-RJ, Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. A Distinção: crítica social do julgamento, Porto Alegre, Zouk, 2015.

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, São Paulo, Boitempo, 2010.

FREIRE, Jussara. Sociabilidade de grades e cadeados e ordem de tranquilidade: da cidadania dos adimplentes à “violência urbana” em condomínios fechados da Zona Oeste do Rio de Janeiro. In.: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia; MACHADO, Carly; CARNEIRO, Sandra (orgs.). Dispositivos Urbanos e Trama dos Viventes, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015.

KAPP, Silke. De Simmel ao cotidiano na metrópole pós-urbana, Cadernos Metrop. São Paulo, jul/dez 2011.

LEFEBVRE, Henri; Prefácio. A produção do Espaço, Revista Estudos Avançados, n° 27, 2013.

\_\_\_\_\_. Espaço e Política, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

LIMA, Rogério. O Antigo Leblon: uma aldeia encantada, Rio de Janeiro, Editora Leblon, 2005.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito (1903), Mana, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>